

Turquia em 'autofricção'

Na fronteira entre a realidade bruta e a fabulação poética, 'A Perda de Faruk' reinventa o legado do cinema turco no Festival do Rio



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Celebrizado por cults como “Verão Seco”, de Metin Erksan, “Um Doce Olhar”, de Semih Kaplanoglu, e por toda a obra de Nuri Bilge Ceylan (“Sono de Inverno”), o cinema turco promete ecoar nas telas do Festival do Rio 2024, que começa na quinta, pelas vias de uma ficção com tintas documentais (também definido como um documentário com fabulações) chamado “A Perda de Faruk”.

A direção é da cineasta Asli Ozge, hoje radicada em solo alemão, mas egressa de uma Turquia em fase de gentrificação em sua estrutura arquitetônica citadina. Na raia da autoficção, esse painel de conflitos geracionais, estruturado pela cineasta em Istambul, foi um dos maiores destaques da mostra Panorama da Berlinale, em fevereiro.

Sua trama parte de um exercício de observação, com ares fabulares, do dia a dia de



'Faruk' é um retrato afetivo de um pai por sua filha, sob a direção de Asli Ozge

seu pai, um nonagenário que esbanja carisma. Mas suas atitudes por vezes conservadoras refletem incongruências culturais não só dele, mas de toda uma nação.

“No início do projeto, pensei em fazer um documentário, mas, além da distância imposta por eu viver na Alemanha, havia o problema de que eu não poderia controlar os diálogos do meu pai. Percebi ali que o cinema que me interessava não era o do controle da vida, mas, pelo contrário, o do entendimen-

to, construído pelas vias da ficção”, disse Asli Özge ao Correio da Manhã, ao falar de sequências nas quais acompanha as digressões bem-humoradas de Faruk, sua figura paterna amorosa, ainda que rígida, em certas ocasiões. “Na idade em que está, depois de chegar aos 90, ele tem todo o tempo do mundo. Ele passa a entender o passo das horas sob uma nova experimentação. É esse tempo, da liberdade, que me interessa”.

Ainda no Panorama de Berlim, a Turquia

esbanjou viço audiovisual com “Caminhos Cruzados” (“Crossing”), de Lavan Akin, que abre um debate transfobia a partir da conexão ideológica o entre uma professora aposentada e uma advogada. Uma jovem trans une nas duas neste drama de montagem febril, que hoje pode ser visto na grade da MUBI.

As sessões de “A Perda de Faruk” no Rio acontecem no domingo, dia 6, às 17h, no Estação NET Rio 2, e no dia 9, às 16h, no Cinesystem Botafogo.

Hazanavicius anima o Redentor

Indicado à Palma de Ouro de Cannes e ao troféu Cristal de Annecy, “A Mais Preciosa das Cargas” (“La Plus Précieuse Des Marchandises”) confirmou sua presença no Festival do Rio, com sessão na segunda-feira (7), às 18h45, no Estação NET Rio 4. Sua trama é baseada no best-seller homônimo de Jean-Claude Grumberg. A direção é do francês Michel Hazanavicius, diretor do oscarizado “O Artista” (2011).

Em seu roteiro, um casal de lenhadores observa, diariamente, trens atulhados de gente passarem diante de seus olhos. Ingênua, a mulher sempre espera por um aceno ou mesmo um presente. “Para onde vão essas pessoas?”, ela se pergunta. Até que alguém joga o presente que ela jamais pensou receber: um



'La Plus Précieuse des Marchandises' leva a prosa de Jean-Claude Grumberg à animação

bebê. O marido, num primeiro momento, pensa em devolver a criança, mas, pouco a pouco, encanta-se pela menina e deixa seu

instinto paterno aflorar. A narração foi feita por um mito das telas Jean-Louis Trintignant (1930-2022), pouco antes de sua morte.

“O produtor chegou a esse projeto antes de mim, antes que eu lesse o livro, e eu jamais havia pensado em fazer algo ligado à Shoah antes, pelas minhas origens familiares judaicas. Tinha uma questão de legitimidade histórica, até pelo fato de eu ter nascido em 1967, bem depois da Guerra. Mas a possibilidade de abordar o tema sob uma ótica fabular e a força do texto de Grumberg me interessaram. Existe uma pergunta que aquele livro evoca ao falar do Holocausto: ‘Se Deus existe, onde ele estava quando aquilo tudo aconteceu?’. Eu só não queria ser explícito na representação da violência dos nazistas. Preferia que a imaginação da plateia desse conta disso”, disse Hazanavicius em Cannes. (R.F.)